

Morte da rainha comove Reino Unido

Elizabeth, que ocupou o trono por 70 anos, morreu “pacificamente” aos 96 em Balmoral; Charles assume em momento de dificuldades

DE LONDRES

“A rainha morreu. Viva o rei!” Foi olhando para frente que a premiê Liz Truss terminou ontem seu discurso sobre a morte de Elizabeth II, logo em seu terceiro dia no cargo. A escolha das palavras reflete o desafio não só de seu governo, mas também do até então príncipe, agora rei Charles III.

Milhões de britânicos foram dormir órfãos. Milhares se aglomeraram diante do Palácio de Buckingham para se despedir da rainha, que ocupou o trono por 70 anos, o reinado mais longo da história britânica. “A rainha morreu pacificamente em Balmoral”, dizia a curta nota da Casa Real, em referência ao castelo na Escócia, a residência de verão. O funeral será no dia 18. A coroação de Charles ainda não tem data, mas pode levar “alguns meses”, segundo a Casa Real.

A morte da rainha marca o fim de uma era em um país que enfrenta sua pior crise econômica em 40 anos. A inflação chegou aos dois dígitos e o custo de vida está nas alturas. Parte do problema está no reaquecimento da demanda pós-pandemia e na guerra na Ucrânia, mas é também um reflexo do Brexit (processo de saída do país da União Europeia).

A rainha também deixa um reino à beira da fragmentação. Enquanto os nacionalistas escoceses se preparam para um novo referendo de independência, a Irlanda do Norte escorrega na direção da reunificação com a Irlanda, caso o governo não consiga renegociar o acordo de saída da União Europeia.

Outro desafio do rei será manter unida a comunidade britânica. Sem o mesmo carisma da mãe, Charles é impopular em várias partes do mundo. O movimento republicano australiano, por exemplo, ganhou força nos últimos anos e sugeriu uma mudança do sistema de governo assim que hou-

vesse a troca de guarda no Palácio de Buckingham.

Nos últimos anos, preocupada com a sobrevivência da linhagem de Windsor, ela entregou parte de suas atribuições aos herdeiros, especialmente ao filho mais velho, Charles. Rainha desde os 25 anos - ela foi coroada aos 27 -, Elizabeth foi chefe de Estado de 15 premiês.

Com o simbolismo da coroa, ela fortaleceu os laços com aliados e suavizou relacionamentos tensos em lugares como Índia, Rússia, África do Sul e Irlanda. Gastando muita sola de seus sapatos Anello & Davide, realizou mais de 90 viagens oficiais.

Elizabeth transformou uma monarquia imperial em uma família de nações. Em 1970, ao visitar Austrália, ela quebrou séculos de tradição quando, em vez de acenar de longe, decidiu caminhar pelas ruas de Sydney, sorrindo e conversando com o população.

Nas relações internacionais, Elizabeth coleciona outros feitos. Foi a primeira monarca britânica a visitar a China, em 1986, no esforço do Reino Unido de se preparar para devolver Hong Kong a Pequim.

MANDELA

Poucos líderes receberam a deferência que a rainha reservou a Nelson Mandela, que a visitou em 1996. Ela o hospedou no Palácio de Buckingham e o levou para passear de carruagem em Londres, além de oferecer-lhe uma festa no Royal Albert Hall.

HOMENAGEM DO BRASIL

O presidente Jair Bolsonaro decretou luto oficial de três dias no País pela morte da rainha. Já o ex-presidente Lula (PT), que em seu governo se encontrou com a monarca em 2006 e 2009, disse que Brasil e Reino Unido tiveram “excelentes relações diplomáticas, políticas e comerciais”. (Estadão Conteúdo)



Elizabeth II na festa do jubileu de platina: “Aprendi o ofício na marra”, sobre se tornar rainha em 1952

O CASAMENTO COM PHILIP

Lentamente, a tímida princesa ia caindo nas graças dos britânicos. Com seus movimentos acompanhados de perto, era inevitável que surgissem, com o tempo, as primeiras fofocas sobre quem Elizabeth levaria para o altar. Ela, no entanto, já tinha um cadete da Marinha na sua alça de mira. Quando viu Philip Mountbatten pela primeira vez, ela tinha só 13 anos. Foi em 1939, durante visita ao Royal Naval College, em Dartmouth,

acompanhando seu pai. “Ele tinha 18 anos”, escreveu a rainha, anos mais tarde, em carta publicada pelo tabloide The Mirror, em 2016. Segundo a Vanity Fair, durante a visita, Philip foi convidado a tomar chá com a família real. Começava a paquera. Filho de monarcas gregos, trocou cartas com a princesa na guerra, mas só pediu a mão dela em 1946. O casamento foi anunciado no ano seguinte, quando o casal apareceu em público pela primeira

vez. Na mão esquerda, ela levava um anel de platina com seis diamantes, o maior tinha três quilates. A cerimônia foi realizada em 20 de novembro de 1947, na abadia de Westminster. O convésco foi transmitido pela Rádio BBC e acompanhado por 200 milhões de pessoas no mundo. O casal recebeu 2,5 mil presentes e 10 mil telegramas de felicitações. O casamento foi um dos primeiros megaeventos de celebridades.

No Quênia, a notícia de que herdou o trono

■ Nascida em 1926, entre as duas grandes guerras, Elizabeth não deveria ser rainha. Desde cedo, a coroa não estava nos planos. Um dia, porém, foi surpreendida com a notícia de que seu tio, o rei Edward VIII, havia se apaixonado pela americana Wallis Simpson, divorciada, e deveria abdicar se quisesse se casar. A partir daquele momento, a linha sucessória colocava a pequena Lilibeth, a duquesa de York, na rota do trono.

O rei seria seu pai, George VI. Ela tinha 10 anos e sua vida mudou. “É para sempre?”, perguntou a menina, quando soube que teria de se mudar para o Palácio de Buckingham. Biógrafos contam que a possibilidade de se tornar rainha aterrorizava a garotinha.

“Ela costumava rezar à noite para que a mãe (Elizabeth, então com 36 anos) tivesse um menino, para que ela não precisasse ser rainha”, lembra a historiadora Sarah Bradford. Com o tempo, ela e Margaret, sua irmã caçula, foram se acostumando com a ideia - e gostando.

A metamorfose se completou no Dia da Vitória, em 1945, quando uma pessoa diferente surgiu na sacada do Palácio de Buckingham. Ela tinha 19 anos, estava madura e havia deixado a imagem de menina para trás. Acenando ao lado do pai, Elizabeth era o futuro do Reino Unido.

A coroa era uma questão de tempo. Elizabeth estava no Quênia, a caminho da Austrália, em 1952, quando seu pai morreu. “Não tive preparação. Aprendi o ofício na marra”, diria Elizabeth mais tarde. (EC)